



## **Agroecologia, alimentação e terreiro** *Agroecology, food and terreiro*

OLIVEIRA, Murilo Costa<sup>1</sup>; MELO, Paula Balduino de<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Instituto Federal de Brasília - IFB, murilowski@gmail.com; <sup>2</sup> Instituto Federal de Brasília - IFB, paula.balduino@ifb.edu.br

### **Eixo temático: Terra, Território, Ancestralidade e Justiça ambientais**

**Resumo:** A produção agropecuária impulsionada no Brasil pela Revolução Verde alterou de forma drástica a produção e o consumo de alimentos. Paradoxalmente, convivem com esse modelo formas alternativas e subversivas de conceber e viver a relação com a comida, e com a natureza de modo mais amplo. Para os povos das religiões de matriz africana, o alimento é sagrado. É um dos elementos que possibilita a conexão entre *orun* e *ayê*, entre a morada das divindades e a nossa morada. Esse artigo mapeia alguns elementos em que os saberes tradicionais dos povos de terreiro coincidem com os princípios do conhecimento agroecológico, explicitando vínculos entre agroecologia e ancestralidade. Ao mesmo tempo, busca visibilizar pontos de fragilização dos modos de vida das comunidades religiosas de matriz africana, a partir dos quais o projeto capitalista mina as possibilidades de autonomia dessas comunidades.

**Palavras-chave:** sagrado, comida, conhecimento agroecológico, matriz africana

**Keywords:** sacred, food, agroecological knowledge, African matrix

**Abstract:** Agricultural production driven by the Green Revolution in Brazil has drastically changed production and consumption of food. Paradoxically, coexist with this model alternative and subversive ways of conceiving and living the relationship with food, and with nature in a broader way. For the people of African Matrix religions, food is sacred. It is one of the elements that makes possible the connection between *orun* and *ayê*, between the abode of the deities and our abode. This paper maps some elements in which the traditional knowledge of terreiro peoples coincide with the principles of agroecological knowledge, explaining the links between agroecology and ancestry. At the same time, it seeks to make visible the fragilization of the ways of life of African religious communities, from which the capitalist project undermines the autonomy of these communities.

### **Introdução**

O modelo capitalista de produção agropecuária, baseado em melhoramento genético por transgenia, plantios em monocultivos, insumos químicos sintéticos, afeta de forma direta o que a sociedade consome, lhe tirando a autonomia de escolhas ao acesso aos alimentos saudáveis e dessa forma impacta em seus hábitos culturais (ALTIERI, 2002).

Diante dessa realidade, os povos tradicionais se mostram resistentes aos modelos convencionais, ao produzirem alimentos usando práticas e conhecimentos



ancestrais de suas culturas. Para esses povos, preservar os recursos naturais como ar, solo, água, fauna e flora, é preservar o sagrado (BARCELLOS, 2012).

Os elementos de origem vegetal têm suma importância nos rituais das religiões de matriz africana, estando presentes em banhos, defumações, e na culinária, voltada tanto para oferendas às divindades, quanto aos pratos servidos às pessoas nos dias de celebração (BARCELLOS, 2012). Na cosmovisão das religiões de matriz africana, a natureza e a divindade são intrínsecas, portanto, é necessário cuidar dos recursos (BARCELLOS, 2012). O alimento é sagrado. Esse princípio de conservação da natureza que os povos tradicionais possuem é uma das bases que compõem a agroecologia.

Com base no exposto, esse estudo levanta pontos de congruência entre os saberes tradicionais das comunidades religiosas de matriz africana e as bases do conhecimento agroecológico, conectando agroecologia e ancestralidade.

## **Metodologia**

O artigo baseia-se em uma revisão bibliográfica de obras que conceituam os princípios e bases do conhecimento agroecológico, por um lado, e obras que tratam das redes de produção, trocas e comércio de bens e serviços relacionados à alimentação nos terreiros de matriz africana. Propõem-se um diálogo entre tais obras. Essa encruzilhada de saberes revela como os povos de matriz africana, em seus territórios de axé, integram princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos sustentáveis. Paradoxalmente, tais comunidades enfrentam cotidianamente obstáculos para o exercício de suas formas tradicionais de produção e consumo de alimentos.

Para além da pesquisa bibliográfica, a recente vivência junto a uma comunidade de terreiro de matriz Angola, localizada no entorno do Distrito Federal, lança luz a certas problemáticas e suscita perguntas à presente reflexão.

## **Resultados e Discussão**

Para Altieri, agroecologia se conceitua como uma nova abordagem que integra princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos (ALTIERI, 2004). Para ser considerada sustentável, segundo (Caporal e Costabeber, 2004), essa integração multidimensional precisa alcançar os eixos: ecológico, econômico, social, cultural, político e ético.

Esse trabalho visa ressaltar algumas conexões entre a vida prática cotidiana dos terreiros de matriz africana e o funcionamento desses eixos, como também apontar os obstáculos enfrentados para manter-se neles. Indo além, busca entender as contribuições da matriz cultural afro-brasileira na construção do conhecimento



agroecológico, reconhecendo o protagonismo dos povos de ascendência africana nesse processo.

Dentre os princípios e eixos comentados, a dimensão ecológica é a que tem maior destaque para a agroecologia, não apenas no que se refere aos agrossistemas, mas à preservação, manutenção e melhoramento dos recursos naturais em geral (REINIGER, WIZNIEWSKY e KAUFMANN, 2017).

Para o povo de santo a natureza é o próprio divino e é dela que advém a força de suas divindades. E, para zelar por essa força sagrada, é necessário que a natureza esteja limpa, bem cuidada e preservada, o que faz dos adeptos das religiões de matriz africana preservacionistas por devoção (CARVALHO, 2011).

*Kosi ewe, kosi orisa* é uma expressão clássica no candomblé, de autoria desconhecida, e que no idioma yourubá significa “sem folha, não há orixá”. Subentende-se que a preservação dos recursos naturais é também uma forma de preservação de culto e cultuar (GOMES e CATALÃO, 2015). Locais preservados são uma exigência dos orixás para que eles possam se manifestar e a presença de “despacho” é um indicador de que a mata está bem cuidada e de que as águas, de uma lagoa ou cachoeira, são limpas, dentro de uma relação de respeito e afeto (CARVALHO, 2011).

Além de dimensão preservacionista, os povos de terreiro também constroem seus sistemas alimentares de forma diferenciada. Segundo Carvalho (2011), são sistemas constituídos em redes que envolvem uma diversidade de matrizes religiosas afro-brasileiras. Na “economia de axé”, há uma pequena e média produção que se fortalece a partir da troca e do comércio entre as comunidades de terreiro. Circulam produtos, serviços e ofícios.

Essa economia se distancia da economia capitalista. Para o povo de santo, as produções industriais de larga escala, principalmente na produção de alimentos, não atendem suas demandas, já que resultam delas produtos desprovidos da força mantenedora da vida, o axé (Barcellos, 2012). Provém daí o estímulo para buscar produtos dentro das comunidades de santo, pois não se deve oferecer comidas sem axé aos orixás (divindades), ao *ori* (cabeça, em Yorubá) e aos *eguns* (almas de pessoas mortas) (CARVALHO, 2011).

Assim, é fomentada uma autonomia quanto ao cultivo de plantas alimentícias e medicinais sem o uso de insumos químicos sintéticos, o que nos leva de volta ao eixo ecológico. O que não se cultiva em determinada casa, pode ser trocado com outro terreiro e, assim a rede de produção, trocas e comércio se constitui e se amplifica.

Outra contribuição que impulsiona a economia e a biodiversidade, é o estímulo aos pequenos criadores de animais, pois o candomblé demanda uma variedade de espécies animais com características específicas e diversas. As grandes granjas não



podem atendê-los, já que trabalham com padronização de espécies visando atender um mercado de forma homogênea. Os critérios exigidos pelo povo de santo para se adquirir um animal, contrariando os modos de criação em larga escala, acaba por contribuir na conservação da diversidade de espécies e características referente a padrões e cores de plumagens e pelagens de machos e fêmeas em diferentes estágios de vida, de galinhas, patos, galinhas d'Angola, cabras e ovelhas, garantindo o escoamento de pequenos criadores dessas especificidades (CARVALHO, 2011). Outros setores que são fortalecidos pelos povos de terreiro são as feiras livres e mercadinhos existentes nas proximidades dos terreiros. Essas comunidades movimentam o comércio local, especialmente o comércio de pequeno e médio porte, muitas vezes agroecológico. Ademais, por vezes, os/as filhos/as da casa atuam como comerciantes naquele território e então os circuitos se intensificam.

Além das atividades agropecuárias, o artesanato também é valorizado dentro da comunidade, como costureiras e bordadeiras e outros artistas que trabalham com couro, ferragens, madeira, barro, palhas e pintura (CARVALHO, 2011). Quanto ao eixo social, qualquer pessoa que busque um terreiro para proteção espiritual encontrará ali amparo alimentar, independentemente da divisão da comida disponível aos residentes, o que acaba acolhendo principalmente as pessoas que se encontram em dificuldades social, sendo garantida a segurança alimentar (CARVALHO, 2011).

Nesse sentido, os eixos ecológico, econômico e social interagem e se interligam. No que se refere à cultura, ética e política, o primeiro e o segundo deles estão subsumidos nos demais. Em nosso entendimento, trata-se de uma matriz cultural que nutre as religiões afro-brasileiras, cuja ética sustenta-se na cosmovisão de que não há uma separação entre humanidade e natureza. Ao contrário da matriz euro-cristão, não se trata aqui de uma relação hierárquica de dominação, mas sim de uma relação de pertencimento mútuo baseada no respeito e na cooperação. O eixo político, por sua vez, constitui-se como o de maior dificuldade de participação.

A soberania alimentar dos povos de terreiro é uma das autonomias ameaçadas pelo agronegócio, na medida em que o projeto capitalista alimenta seus latifúndios para a produção de alimentos sem axé, impactando as roças dos pequenos produtores, desmatando, poluindo solos e lençóis freáticos, dentre outros recursos naturais. As festas do povo de santo obedecem e coincidem com o calendário sazonal agrícola, pois tem a abundância como enfoque (CARVALHO, 2011).

Paradoxalmente, as possibilidades produtivas nesses espaços se tornam cada vez mais inviáveis devido à maioria dos membros de sua comunidade terem ocupabilidade de ofícios que lhe deixam alheios em relação à produtividade agrícola, em função do tempo, disponibilidade, distância da localidade ou conhecimentos práticos que as atividades produtivas exigem. Isso faz com se tornem cada vez mais escassas as práticas produtivas que outrora foram uma das atividades mantenedoras da autosuficiência dos terreiros em relação a suas demandas alimentícias. A autossuficiência alimentar, expressa em uma dinâmica de redes, foi o



fundamento que permitiu a resistência e existência dos terreiros no passado, tendo ainda grande importância na contemporaneidade.

As políticas públicas de incentivo à produção rural destinada à agricultores familiares e povos tradicionais não alcançam os povos de santo, o que acaba por não contempla-los e não fomentar a produção agrícola nesses espaços, deixando-os à margem e não reconhecendo seu protagonismo na construção da agroecologia.

Por fim, tais territórios também são visados pela especulação imobiliária que enxerga nesses espaços áreas de loteamento para o avanço das áreas urbanas sobre o campo.

## Conclusões

As comunidades dos terreiros de matriz africana no Brasil, com suas cosmovisões e práticas, articulam os eixos de sustentabilidade ecológica, econômica, social, cultural, política e ética, eixos que são os pilares da agroecologia. A dimensão ecológica destaca-se na medida em que o modo de vida dessas comunidades apresenta-se como preservacionista, por devoção, e ao mesmo tempo contribui para a conservação e diversificação de espécies, vegetais e animais.

Não obstante, a história conduz a mudanças desse modo de vida. As transformações das relações sociais, especialmente no tocante às interações campo-cidade, alteram o cotidiano dos terreiros de candomblé, umbanda, jurema, tambor de mina, dentre outras variantes da religiosidade afro-brasileira. Muitas dessas casas, que já estiveram em área rural, hoje estão localizadas em periferias das grandes cidades.

A dinâmica urbana avança e “engole” os terreiros. Junto com a urbanidade chegam a criminalidade, a mercantilização e a degradação da natureza, redes transnacionais de produção e comercialização (hipermercados, por exemplo), a intolerância e o racismo religioso, dentre outras problemáticas. Esses são alguns dos obstáculos para o exercício das formas tradicionais de produção e consumo de alimentos das comunidades religiosas de matriz africana.

## Referências bibliográficas

ALTIERI. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, v. único, 2004.

BARCELLOS, M. C. **Os orixás e o segredo da vida**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CARVALHO, J. J. D. A economia do axé: Os terreiros de matriz afro-brasileira como fonte de segurança alimentar e rede de circuitos econômicos e comunitários. In: FOME, M. D. D. S. E. C. À. **Alimento: Direito Sagrado - Pesquisa Socioeconômica e**

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte na  
Democratização dos  
Sistemas Agroalimentares



Cultural de Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro. Brasília: MDS, 2011. pp.35-62.

GOMES, M. D. S.; CATALÃO, M. L. "Kosi ewe, kosi orisa" (Sem folha não há orixá): vivências ecológicas em um terreiro de candomblé. **Ambientalmente Sustentável**, v. II, n. 20, julho-dezembro 2015. pp. 1857-1877

REINIGER, L. R. S.; WIZNIEWSKY, J. G.; KAUFMANN, M. P. **Princípios de Agroecologia**. 1ª. ed. Santa Maria: UFSM/NTE/UAB, 2017.